



JORNAL IGREJA NOVA

SANTO PADRE, OLINDA E RECIFE ESTÃO COMO OVELHAS SEM PASTOR .SOLIDARIEDADE

93

ANO XI -AGOSTO- 2001 UM ESPAÇO PARA OS LEIGOS CATÓLICOS DE OLINDA E RECIFE

LEIA NESTE NÚMERO

PÁGINA 02

O ETERNO DOM
DE OLINDA E
RECIFE

PÁGINA 03

FORMAÇÃO DO
CRISTIÂNISMO
47 (EDUARDO
HOORNAERT)

MEMÓRIA

FIQUE POR
DENTRO

PÁGINA 04

CENTELHAS

O QUE ELES E
ELAS PENSAM

QUANDO ELES
NÃO PENSAM

VALE A PENA
LER

PÁGINA 05

TRANSFIGURAR-
SE
(FREI BETTO)

A TRAGÉDIA DA
GUERRA NA
TERRA DA PAZ
(MARCELO
BARROS)

PÁGINA 06

EXCLUSIVO: O
NASCIMENTO
DA ÉTICA
(LEONARDO
BOFF)

PÁGINA 07

HOMENAGEM A
DOM HELDER

PÁGINAS 08/09

CONTANDO A
HISTÓRIA DE
QUEM CONTA E
FAZ A HISTÓRIA
(MEMBROS DO
GRUPO IGREJA
NOVA)

PÁGINA 10

JORNADA
TEOLÓGICA:
(REJANE
MENEZES)

OS MÁRTIRES
(GORETTI)

PÁGINA 11

ENTREVISTA
EXCLUSIVA:
MARIA CLARA
BINGEMER

RESISTIR É
PRECISO
(FREI ALOÍZIO)

PÁGINA 12

NOTÍCIAS

EDIÇÃO ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO: 10 ANOS ENCARTE: O PRIMEIRO NÚMERO DO IGREJA NOVA

A VOCAÇÃO DE SER IGREJA

Ser Igreja sem templos, ser Igreja sem senhores e sem ouro. Ser Igreja com "I" maiúsculo. Ser Igreja com um só pastor, um só caminho e uma só porta de entrada, sem exclusões, sem feridos ou machucados, sem portas dos fundos.

Vocação de ser uma Igreja pobre e servidora, com os pobres e pelos pobres, de outro modo nos pergunta o Pastor: Onde dormirá o pobre? O que comerá o pobre, neste mundo?

Uma Igreja que caminha sem vaidades, sem pretensões de domínio, sem ostentação. Uma Igreja que serve. Uma Igreja vocacionada para o serviço do necessitado. Nela não há castas, não há opressores nem oprimidos, nem vencidos, nem vencedores.

Uma Igreja em conflito com o mundo, porque este já não ouve nem põe em prática as palavras do pregador da Galiléia, uma Igreja também em conflito com a própria instituição, pois exige de si mesma uma auto-avaliação contínua, na sua busca de fidelidade ao Mestre.

E
D
I
T
O
R
I
A
L



Não é fácil ser chamado a construir uma Igreja assim, pois muitas vezes no terreno estão enraizadas tão firmemente estruturas arcaicas que sustentam palácios e príncipes, que qualquer abalo faz surgir uma

reação tão violenta, que atemoriza os mais fracos. Surge aí a força da comunidade e é esta comunidade que dá força à luta, e é esta comunidade que abala os alicerces dos palácios, e destrona os poderosos de seus tronos de papel.

Há dez anos que tentamos ajudar numa nova maneira de ser Igreja. Tão nova que remonta aos princípios daquela dúvida de empoeirados galileus. Muitas falhas cometemos, alguns equívocos, mas houve muita vontade de acertar. Procuramos ter um coração e uma alma larga. Talvez houve ocasiões onde não conseguimos, pois tudo que é movido por paixão corre no sangue o risco da passionalidade. Embora 10 anos não sejam 10 dias, também não serão 10 séculos. Dez anos para a História são como 1 dia e para Deus talvez ainda nem tenha passado.

Apesar de tudo vale a pena, e no meio das nossas limitações, cremos que sem este trabalho, que não é só nosso, nossa Igreja de Olinda e Recife estaria pesando um grão de sal a menos.

DEDICATÓRIA ESPECIAL

Dedicamos este jornal a todos os nossos escritores e entrevistados, que ao longo destes dez anos têm acreditado em nosso trabalho, contribuindo para a sua continuidade e, sobretudo, para o seu fortalecimento:

Abbé Pierre, Aderson, Ali-Bem-Roban, Pe. Antônio Maria Borges, Ana Cláudia Barbosa, Antônio Carlos Aguiar, Assuero Gomes, Artur Peregrino, Barros Alves, Pe. Cláudio Sartori, Chico Alencar, Chico Buarque, Creso Falcão, CEBI e a Folha da Palavra, Cyra Ribeiro da Silveira, Denaldo Araújo, Déo e Bete Barbosa, Domingos Almeida, Dom Antônio Fragoso, Dom Antônio Soares Costa, Dom Francisco Austregésilo, Dom Gílio Felicio, Dom Jacques Gaillot, Dom Helder Camara (In Memoriam), Dom José Maria Pires, Dom Luciano Mendes, Dom Marcelo Carvalheira, Dom Mauro Morelli, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Robinson Cavalcanti, Dom Waldyr Calheiros, Edênia Ribeiro, Edson Silva, Eduardo Hoornaert, Félix Filho, Fátima Tigre, Fátima Wegelin, Fernando Antônio Gonçalves, Fernando Brito, Fontes e Deyse, Rev. Francisco De Assis Da Silva, Rev. Fred Morris, Pe. Fred Solon, Frei Aloísio Fragoso, Frei Betto, Frei Carlos Mesters, Frei Clodovis Boff, Garibaldi Porto, Geraldo Maia Câmara, Pe. Geraldo Leite, Gilbrás Aragão, Goretti Santos, Gustavo Castro, Humberto Plummen, Ilo Barreto, Inácio Strieder, Ivanildo Holanda, Ivone Gebara, Pe. Jacques Trudel, João Dubar, Pe. João Batista Libânia, João Luiz Correia Jr., Pe. João Pubben, Joel Dantas, D. Jerônimo (In Memoriam) e Clélia Podestá, Josenildo Sinésio, José Alves de Oliveira, Pe. José Ivan Teófilo (In Memoriam), Pe. José Comblin, José Ricardo de Souza, Josias, Jung Mo Sung, Juracy Andrade, Lauro Oliveira, Leonardo Boff, Lourdes Vasconcelos, Lourival Luis de Souza, Lúcia Queiroz, Luciano Pinto, Pe. Luiz Antônio, Luiz Gonzaga De Vasconcelos, Luiz Henrique de Lima Araújo, Luiz Tenderine, Manoel Affonso, Pe. Marcelo Barros, Marcelo Calábria, Marco Antônio, Marcos Pontes, Maria Auxiliadora Gonçalves, Ir. Maria Vanda de Araújo, Pe. Maurício Parant, Michel Kubler, Múcio Breckenfeld, Nabor, Pe. Oscar Beozzo, Paulo André (In Memoriam), Paulo Freire (In Memoriam), Reginaldo Veloso, Pe. Renato Maia de Ataíde, Prof. Riolando Azzi, Sebastião Armando, Sérgio e Rejane Menezes, Seminarista do Brejo Santo, Severina Rodrigues (Nenén), Pe. Virgílio, Walter Praxedes, Wilson Ribeiro, Pe. Zezinho e Zildo Rocha.

Dedicamos ainda esta edição a: Assuero, Bete, Déo, Edênia, Fernando Brito, Lourdes Vasconcelos, Marcelo e Romildo, responsáveis pela criação, publicação e distribuição do primeiro número deste jornal; a Gonzaga, Fátima, Lúcia, Jario, Luciano, Naira e Josias, que deram sua valiosa colaboração no período em que fizeram parte do Conselho Editorial; a Valdemiro, Janete, Bethânia, Elzi e Adérito, membros do Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova; aos cursilhistas, comunidades do Morro da Conceição e Peixinhos, parceiros de tantas caminhadas; ao Rumos e à Associação Pe. Henrique; a Igreja Anglicana, a PU e à PJMP; e a todos os movimentos, comunidades, religiosos e religiosas, que caminham conosco; a D. Chica e o Lavajato Candeias, a Lúcia Meira Lins e o Bouganville, a Maria Alice e o Flamboyant, que acolheram o Curso de Teologia e a todos que, dando aulas, nos têm ajudado a refletir a Palavra, representados aqui por: Pe. José Augusto, Pe. Arnaldo Cabral, Ir. Jurema, Prof. Vicenzo Di Matteo, Conceição Lima, Concita, Pe. Glênio, Alberto Daniel e Riva Rascovsky e o Lama Padma Santem; e aos colaboradores anônimos, que nos enviam notícias ou que distribuem o jornal; aos colaboradores financeiros; a todos que de forma direta e indireta, tornam possível a publicação do jornal.

Estes dez anos são dedicados a todos nós, que juntos, temos feito acontecer o Jornal Igreja Nova.
CONSELHO EDITORIAL

O ETERNO DOM DE OLINDA E RECIFE

DEPOIMENTOS SOBRE O DOM



Continuamos nesta edição, a publicação de depoimentos de moradores do tempo de Dom Helder, colhidos em Janeiro de 2001, na Paróquia dos Santos Anjos, antiga São Sebastião, no Rio, onde D. Helder idealizou a Cruzada São Sebastião

Manoel Gomes da Silva

"Muitas coisas marcam mais em D. Helder. O que mais marcou na minha vida foi meu casamento, que ele fez aqui. Que eu me casei em Barra do Piraí e minha esposa não tinha o batistério e nós não podíamos casar na Igreja. Aí houve um casamento de muita gente que não era casado na Igreja, foi ...não me lembro direito...em 61 aí ele reuniu todo mundo ali e fez nosso casamento e deu aquele certificado de casamento, abençoou nosso casamento, e falou umas frases, que casamento é uma união com Deus, e D. Helder, o que eu tenho de dizer para ele é que foi um grande homem para Deus, e toda esta obra, ele se preocupava muito com os pobres...quando havia aquelas enchentes na Praia do Pinto que ele sabia que o povo perdia as coisas, ele ficava muito preocupado com a gente. E D. Helder lutou para conseguir este lugar aqui para nós. Abaixo de Deus Nosso Senhor Jesus, D. Helder. Estamos aqui por causa dele. Fizeram tudo para tirar a gente daqui. Expulsar o pessoal tudo daqui, mas a gente ia lá e sempre ele nos dava aquele apoio, é verdade ou não é ? (pergunta para a senhora ao lado) Fizeram tudo para tirar a gente daqui. Agradeço a Deus e a obra de D. Helder por estarmos aqui.

- E como era D. Helder com os ricos que não queriam vocês por aqui ?
- Ele explicava que todos nós também temos direito, que nós também somos humanos, que nós não nascemos para sofrer, e ele entrava, conversava, dialogava com esse pessoal aí (os ricos) e teve uns políticos que também deu força para a gente, entendeu ? Por que que o pobre não pode morar na zona sul ?"

O QUE ELES PENSAM SOBRE O DOM

- "D. Helder, quando pegava aqueles pobres era mais divino do que se estivesse cantando o Kyrie Eleyon de mitra e báculo". **Pe. JOÃO BATISTA LIBÂNIO**

- "A vida de D. Helder foi uma aventura mística. Viveu-a no início num ambiente de triunfo; depois, cada vez mais, num sofrimento que foi crescendo. Sua vida foi semelhante a de Jesus que também começou pelos triunfos e depois foi caminhando para a cruz, cada vez mais

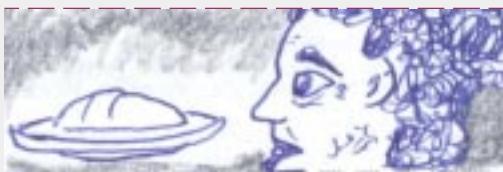
consciente de que esse seria o seu destino final nesta terra. Mas também com a certeza da ressurreição e da vinda da plenitude do mundo novo tão sonhado do qual tinha sido o profeta desde o início".

Pe. JOSÉ COMBLIN

"Minha vinda para o Brasil, o encontro com D. Helder e a participação de 20 anos na pastoral que esse bispo incentivava ao serviço da justiça e da fraternidade evangélica, foram as maiores graças da minha vida de padre". **Pe. SERVAT**

TRAPEIROS DE EMAÚS

Em 5 de agosto, em Dois Unidos, houve uma missa concelebrada pelo Pe. João Pubben e os padres Gigi e Marco da diocese de Milão em ação de graças pelos 89 anos de Abbé Pierre, além da presença de uma comunidade de jovens italianos que vieram trabalhar e conhecer



de perto a realidade dos Trapeiros de Emaús.

Em **18 de agosto**, aconteceu a inauguração da nova sede à rua Uriel de Holanda 640 em Beberibe.

Em **19 de agosto**, celebrou-se missa em ação de graças na Igreja das Fronteiras pelos 5 anos do movimento aqui em Recife que foi lançado em **16/8/96** pelo Dom e por Abbé Pierre.

ONG INTERNACIONAL

Acaba de ser criado em Milão, na Itália, o "Centro Internacional Helder Camara". Trata-se de uma Organização não-governamental (ONG) que pretende atualizar o testemunho e a denúncia do saudoso arcebispo brasileiro. Idealizado por Gianfranco Stella, co-fundador da ONG "Mãos Estendidas", o centro difunde a obra de dom Helder em favor de uma cultura de



solidariedade para com os oprimidos, especialmente menores vítimas da pobreza, violência e discriminação. Entre os colaboradores do Centro, estão padre Luigi Ciotti (do Grupo Abel), Ernesto Olivero (do Serviço Missionário Juvenil), dom Luigi Bettazzi (bispo emérito de Ivrea) e padre Venanzio Milani (comboniano), todos amigos de dom Helder. Quem quiser outras informações, pode enviar e-mail para: [heldercamara@tascalinet.it](mailto:heldercamara@tiscalinet.it).

NOTÍCIAS

- UM SACERDÓCIO AUTÊNTICO - No dia 15 deste mês, na Igreja das Fronteiras, celebraram-se os 70 anos de ordenação sacerdotal de Dom Helder com a Ceia Eucarística presidida pelo Pe. João Pubben, auxiliado por mais 3 padres. Após a missa, Marieta Borges homenageou a memória do Dom com uma palestra sobre Maria, inspirada em diversas obras de arte que deram títulos gloriosos à Nossa Senhora.

- MAIS MÚSICA - No dia 22/08, a Orquestra de Câmera do Recife reuniu, também na Igreja das Fronteiras, os colaboradores, amigos e admiradores do profeta, com um belo concerto em memória daquele que se alegrava imensamente quando participava de espetáculos musicais em todo o mundo.

- ENCONTRO COM DEUS - No dia 27/08, aconteceu a Missa concelebrada, que marcou o 2º aniversário da grande "viagem" de Dom Helder, com pregação do 1º padre ordenado pelo Dom em Recife: Frei Tito Medeiros.

- VIDA E MISSÃO - Foi o que mostrou a exposição "In Manus Tuas" (Em Tuas Mãos), no hall do prédio central dos Correios, de 28 a 31 de agosto, levando ao público o acervo da obra do profeta.

- 27/6 - Durante a missa pela passagem dos 22 meses de falecimento do Dom, tivemos o testemunho do Pe. Servar

- 27/7 Durante a missa pelos 23 meses, foi a vez do testemunho de Zildo Rocha

- Ao final do congresso Mariano, realizado no Centro de Convenções, o provincial carmelita Frei João colocou ao público o belo texto do Dom, intitulado Mariama, que foi recitado pela primeira vez na Missa dos Quilombos. Foi bastante aplaudido.

- Neste mês de agosto as cineastas Érika Bauer e Kátia Oliveira estiveram fazendo pesquisas em Recife e Olinda para a realização do filme "D. Helder Câmara, o Santo Rebelde", que conta com apoio da CNBB.

- O projeto Igarassu pela Paz, encaminhou proposta à Câmara dos Vereadores para que esta cidade preste uma justa homenagem aos pacifistas, denominando suas ruas com o nome deles. Dentre os quais D. Helder, Madre Tereza de Calcutá, Hebert de Souza, Gandhi e Martin Luther King.

- O Programa da Prefeitura da Cidade do Recife, "Férias da Paz", direcionado à juventude, foi realizado na colônia de férias, no mês de julho, com a participação do Pe. Reginaldo Veloso, quando foi aprofundado o conhecimento sobre a pessoa e a obra de D. Helder, incluindo o estudo de seus poemas.

- Maninha e sobrinha do Dom vieram visitar seu túmulo, no final de julho deste ano.

LIVROS E LEMBRANÇAS DO DOM:

CEDOHC- Centro de Documentação Helder Camara - rua Henrique Dias, nº 208, Boa Vista, ao lado da Igreja das Fronteiras, no horário comercial. Informações : Maria de Jesus ou Irmã Maria do Carmo

FORMAÇÃO DO CRISTIANISMO 47 - A TENACIDADE DE BACUS E VÊNUS



**EDUARDO
HOORNAERT**

Apesar de todas essas investidas por parte do clero (veja n. 45 e 46), os antigos mitos de Baco e Vênus, símbolos da vitalidade, da liberdade e do prazer, resistem com tenacidade. São imagens fortes: representam a sexualidade e o prazer, pulsões fundamentais da vida que ao longo da história humana recebem uma espetacular consagração popular, exatamente por corresponderem a pulsões absolutamente necessárias à vida: saúde, alimento, habitação, carinho, ternura, sexualidade. Baco, Dionísio no panteão grego, é um deus feliz. Ele lembra os bons momentos da vida, os banquetes regados de vinho, as boas recordações com amigos e parentes. Sua imagem encontra-se com freqüência nos sarcófagos que os romanos mandam esculpir para se lembrar dos defuntos nos seus melhores momentos, para consolo dos parentes e amigos. Vênus, Afrodite no panteão grego, tem seu nome derivado de "afros" (espuma), a "espuma cálida que banha as praias do amor". Toda a sexualidade, para os antigos, era concebida em termos de calor e frio. O sêmen é a espuma de uma caldeira humana, assim como a vagina fica "animada".

As imagens de Baco e Vênus inserem-se no lindo sonho de humanidade que ainda pode sentir-se no que sobrou das esculturas gregas. Essas obras de arte testemunham um excepcional senso de

equilíbrio, racionalidade e sentimento, pressupõem uma visão igualmente elevada do homem e de suas capacidades.



Costumam apresentar um rosto sereno, direto, não afetado, que emociona por seu senso de humanidade. Na arte grega e através da imagem dos deuses o homem se apresenta como ele é, em toda a sua nudez e beleza, com uma tranqüila capacidade de domínio sobre o mundo que o rodeia. Essa arte aceita o homem tal qual ele é, nenhuma restrição de ordem moral vem encobrir essas imagens. Esses rostos nos encaram com uma franqueza que nos desafia na sua sinceridade desnuda de farisaísmos e falsos pudores.

O afastamento de Baco e Vênus e a concomitante introdução do conceito da concupiscência da carne nunca foi tranqüilo na história do cristianismo. Os casais cristãos continuavam em crer nos seus médicos que aconselhavam o calor benéfico na hora do encontro conjugal. Eles decerto evitavam o ato conjugal nos dias proibidos pela Igreja, como os domingos, as vigílias das grandes festas, a quaresma, sobretudo por temerem os efeitos

genéticos de tais infrações. Mas aos poucos o clero foi ganhando e conseguiu deixar a impressão de que algo de indecoroso pairava sobre o ato sexual, e daí sobre o amorconjugal.

Há um interessante sinal de sobrevivência da amorosidade cultural no termo com que nossas línguas ainda hoje designam o quinto dia da semana. O Friday dos ingleses provém da junção entre o termo Frigg, a deusa nórdica do amor, e o antigo inglês daeg, dia. O dia era dedicado a Vênus pelos romanos: Dies Veneris (dia de Vênus, vendredi em francês, venerdì no italiano, viernes em castelhano). Os alemães falam em Freitag, uma variação do antigo alemão friatag (dia de Frigg). O nome hebraico yom shishi, significa o sexto dia, e assim ficou em português. Os povos eslavos contam o quinto dia, como é evidenciado pelo nome russo pyatneetza, 'quinto dia'. Sexta-feira é o sábado muçulmano, escolhido pelo profeta em comemoração da criação do homem no sexto dia e para diferenciar sua religião do cristianismo e do judaísmo.

Para concluir: Baco e Vênus, banidos do cenário litúrgico, freqüentemente voltam, mas então de forma desordenada, convulsiva. A antiga serenidade sexual dos gregos nunca mais se recuperou. Hoje vivemos um tempo de recuperação desordenada, convulsiva e repulsiva da sexualidade, reação contra essa longa história de dois mil anos de repressão sexual praticada pelos pregadores cristãos sobretudo, nos sermões, nas imagens, nas evocações do inferno, nas condenações eternas.

MEMÓRIA - AGOSTO

1931 - Ordenação sacerdotal de Dom Helder Camara

1988 - A Pastoral Rural do NE 2 é desalojada do prédio da Cúria, em Recife.

1988 - Quinze representantes de pastorais assinam documento denunciando abuso de poder do arcebispo de Olinda e Recife.

1989 - Dom José Cardoso afasta o Pe. Antônio Maria Guerin, assessor da Pastoral dos Jovens do Meio Popular e destitui 4 integrantes da Pastoral da Terra, inclusive o Pe. Hermínio Canova

1989 - Decretado o fechamento do Instituto de Teologia do Recife (ITER) e do Seminário Regional do Nordeste (SERENE II)

1989 - A Comissão de Justiça e Paz é impedida, pelo arcebispo, de emitir qualquer documento em nome da arquidiocese.

1990 - Por solicitação de Dom Cardoso, a polícia cerca sua residência e impede que a comunidade de Pitanga II solicite uma audiência sobre o afastamento do Pe. Thiago Thorbly

1991 - O Grupo Jovem, da paróquia de Boa Viagem, cria as camisetas "Igreja

Sofre", com a relação de 09 padres afastados da arquidiocese, até aquela época.

1992 - Dom Hilário Moser, bispo-auxiliar, que havia solicitado sua transferência por incompatibilidade com o nosso arcebispo, se despede de Olinda e Recife para exercer seu ministério em Tubarão, Sta. Catarina.

1992 - Dom Jorge Tobias, bispo de Nazaré da Mata, veta a ordenação do seminarista José Roberto, levando-o ao suicídio.

1994 - Lançado o livro "Dom Lamartine, o Pastor do Silêncio".

1996 - No dia 16 foi fundado, em Olinda e Recife, mais um serviço inspirado nas obras de Dom Helder: "Trapeiros de Emaús", os pobres trabalhando para os pobres. Seu fundador, Abbé Pierre, se inspirou na Cruzada de São Sebastião criada pelo nosso profeta no Rio de Janeiro.

1998 - Realiza-se a I Jornada Teológica do Recife, promovida pelo Grupo Igreja Nova.

1998 - No antigo prédio da Cúria, R. Do Giriquiti, inaugura-se o Shopping Center Boa Vista.

2000 - Sagrada episcopal de Dom Fernando Saburido, bispo auxiliar de nossa Arquidiocese.

FIQUE POR DENTRO

Símbolos mais importantes da Liturgia:

4 - O INCENSO

Os mais antigos usavam-no significando purificação e proteção. Posteriormente tornou-se símbolo de oração que se eleva a Deus. No Judaísmo simbolizava adoração e sacrifício. O odor do incenso devia servir para aplacar a ira de Javé. O sacrifício do incenso e a adoração em muito se identificam, sendo ambos um sacrifício a Deus. Nos dias atuais, o incenso ainda tem o sentido de oração e sacrifício de presença de Deus.

ONDE ENCONTRAR

BANCA GLOBO - Av. Guararapes, Centro

BANCA CIRCULAR - Pç 12 de Março, 166, Bairro Novo, Olinda

BANCA CASA NOVA - R. José Bonifácio/ Cde de Irajá, 393, Torre

HIPER BANCA - Rua Cap. Zuzinha, esquina com a rua Líbia de Castro Assis - Setúbal.

NET-VISÃO - Carrefour

PAPELARIA ARCO-ÍRIS - Rua Mário Souto Maior, 256- lq 03 Setúbal

LIVRARIA PAULLUS, AV. Dantas Barreto. 996 SAO JOSE

EDITORA VOZES - Rua do Príncipe 482 -

Rua Frei Caneca 16

LIVRARIA PAULINAS - Rua Frei Caneca,

BANCA MÃE RAINHA - Largo da Encruzilhada.

MTC (ACO) - Rua Gervásio Pires, 404.

10ª ROMARIA DA TERRA

**19 de agosto - Juazeiro do Norte - Ceará -
"Da Terra e Água Livres, Brota o Milagre da Vida"**

A Romaria da Terra é um encontro com trabalhadores rurais e agentes de pastoral, que acontece a cada dois anos em uma cidade do estado do Ceará e tem o objetivo de reanimar a luta por terra e água no sertão cearense. Participam da romaria: paróquias, áreas pastorais, comunidades, pastorais sociais e movimentos, com centenas de caravanas.

E promovida há 20 anos pela Comissão Pastoral da Terra (CPT).

Romarias com grande concentração dos trabalhadores, unindo celebração e luta pela terra, acontecem desde os anos 70 em locais como Bom Jesus da Lapa, na Bahia, e em cidades do sul do país. Como inspiração maior para o inicio do movimento no Ceará, houve, em novembro de 1979, uma manifestação de luta e fé no Sertão Central do Ceará, na cidade de Quixeramobim. Uma grande concentração de trabalhadores e trabalhadoras, em pleno regime militar, comemoravam os 15 anos do Estatuto da Terra.

Logo mais, em 1984, seria realizada a primeira Romaria da Terra no Ceará, em Canindé.

Em 1999, A IX Romaria da Terra aconteceu em Canindé, com o tema "Conquistar Terra, Trabalho e Vida". Reuniu cerca de 15 mil pessoas. Esteve presente à romaria o presidente nacional da Comissão Pastoral da Terra, Dom Tomás Balduíno. Esta romaria aconteceu à noite, por conta do forte sol.

Contato: Sala de Imprensa da Romaria- (88)511.0700

LIVRO DA III JORNADA TEOLÓGICA



Foi lançado, durante a IV Jornada Teológica Dom Helder Camara, o livro dos anais da III Jornada. O livro, contém o registro das cinco palestras, proferidas por

Dom Jacques Gaillot, Pe. João Batista Libânia, Pe. Marcelo Barros, Ivone Gebara e Frei Betto, além de fotos dos cinco dias da Jornada, dados biográficos

dos palestrantes e informações sobre os eventos culturais : Maracatu Nação Erê, Ravel e Racine, Grupo Boca de Forno, Movimento de Mulheres Contra o Desemprego e Coral CHESF. O livro traz ainda dados sobre alguns dos Movimentos e Serviços criados por Dom Helder ou inspirados por ele, o texto das homenagens feitas a Dom Lamartine e Dom Jerônimo Podestá e as cinco meditações de Dom Helder, ouvidas a cada noite. O livro custa R\$ 10,00 e poderá ser adquirido, entrando em contato com um dos telefones ou e-mail, constantes em nosso expediente. Vale a pena conferir.

EM BUSCA DE PRODUTOR E DIRETOR

Riolando Azzi nos envia argumento para o Roteiro do Filme "UMA JANELA QUE SE ABRE", tratando de uma história de "ficção com fundo histórico, que narra a vinda das primeiras quatro religiosas da congregação das dorotéias para o Brasil, em meados do século XIX, a fim de se tornarem as educadoras das filhas da aristocracia rural de Pernambuco. O contexto do filme é o movimento da Unificação Italiana, que culmina com a tomada de Roma por Garibaldi em 1870. As religiosas chegam ao Recife acompanhadas de dois sacerdotes jesuítas (...) que iniciam a pregação de missões populares no interior de Pernambuco onde eclode o

movimento do quebra quilos. O governo acusa os jesuítas de instigadores do movimento, eles são expulsos do Recife e a obra das dorotéias entra em crise. O prólogo do filme ocorre em Roma, onde, a convite do bispo D. Medeiros, as primeiras religiosas se preparam para a vinda para o Brasil, com as bênçãos do papa. O enredo se desenvolve no Recife, onde as dorotéias fundam o seu primeiro colégio (...) e se encerra com breve epílogo numa aldeia perto de Santarém (...) onde se inicia a atividade educacional entre as populações indígenas". Um belo argumento em busca de direção e produção.

EXPEDIENTE

JORNALISTA RESPONSÁVEL:
REJANE MENEZES - DRT 2312
DESENHOS: ASSUERO GOMES
WEBMASTER: SÉRGIO MENEZES

CORRESPONDÊNCIA E ASSINATURAS:
E-MAIL: igrejanova@igrejanova.jor.br
Rua Francisco da Cunha, nº 936- aptº 1002 - Boa Viagem- CEP: 51020-041-Recife - Pernambuco- Brasil
Fone : (81) 3325-2762
Fax : (81) 3341-0539
SEDE: R. Prof. Fernando Simões Barbosa, 874, SL. 103 - Boa Viagem.

CONSELHO EDITORIAL

Antônio Carlos/ Clarinda Assuero / Mírcia Deo / Bete Fernando Brito Fernando e Carminha Hercílio / Maria Helena Goretti Inácio Strieder Jovem Marcelo / Dóris Romildo / Terezinha Sérgio / Rejane Valdemir / Normândia Zezé / Rosilda

O QUE ELES E ELAS PENSAM

⌘- "Não podemos reduzir a Igreja a um clube religioso de iguais, que se refugia do mundo, põe a fé em um compartimento e espera a morte e o além, enquanto promove entretenimento e espetáculos alienantes sem profundidade e sem visão.

Se quisermos ser honestos para com Deus e para conosco mesmos, teremos de reconhecer a distância entre o ideal e o real em nossos dias e a ausência de consciência e de desejo de mudanças. Sabemos que, sem compromisso com o Reino a Igreja não é Igreja, que o Reino caminha pela afirmação de valores, e que não há Reino sem cruz". **D. ROBINSON CAVALCANTI**

⌘- "Deus inventou os padres, o sacerdócio. O diabo inventou o clero". **MANSUETO BOFF** (pai de Leornaldo, Frei Clodovis e Ir. Lina)

⌘- "A Igreja não pode fechar-se em santuários e sacristias, deixando de lado a realidade de hoje". **Pe. JOSÉ SERVAT**

⌘-- "O cristianismo não mudou o mundo, porque o mundo mudou o cristianismo". **GIULIO GIRARDI**

⌘- "Eu diria hoje, para escândalo de muita gente, que uma mãe que amamenta o seu bebê, dando de mamar no seu seio, para mim é mais divina do que uma carmelita cantando no coro". **Pe. JOÃO BATISTA LIBÂNIO**

⌘- "As leis eclesiásticas estão me impedindo de providenciar a eucaristia para o povo". **DOM MAURO MORELLI**, na Assembléia da CNBB, em julho passado

CENTELHAS

- Os recifenses e olindenses gostam de pão e vinho milaneses?
- O maior de todos os prelados não agüentou sequer alguns meses de convivência com o Senhor da Noite e já quer ir embora. Que diríamos nós?
- A Torre já não está tão inclinada para o palácio quanto a de Pizza.
- A feiticeira pediu ao seu senhor que lha permitisse conduzir um pequeno rebanho, porém ele negou.
- E o monge? Vai ver Iracema?

QUANDO ELES NÃO PENSAM

"Tudo o que a arquidiocese fez foi baseado no Código de Direito Canônico, que é a lei universal da Igreja". Mons. Edvaldo Bezerra, falando em nome da arquidiocese, no JC em 10-07-2001, quando indagado pelo repórter sobre as invasões do Morro pelas tropas da PM, a pedido de D. José, ocorridas em 19/09/90 e 27/03/95

VALE A PENA LER

A Carta aberta de uma grande parcela do Povo de Deus ao Clero de Fortaleza "CHISTIFIDELES CLERICI".

O documento contém uma profunda reflexão de vários movimentos e associações de leigos e leigas, além de pessoas do próprio clero, ao clero desta cidade, sobre que tipo de clero está se formando atualmente em nossa igreja. Em uma determinada passagem afirma ..."um grupo de seminaristas fez questão de deixar a sala de aula, na ocasião em que era apresentada a memória do bispo-mártir D. Oscar Romero de San Salvador" ... e por aí vai.

A quem interessar, solicitar na íntegra ao Igreja Nova

TRANSFIGURAR-SE



FREI BETTO

No mês de agosto a liturgia católica celebra a transfiguração de Cristo. No alto do monte Tabor, o rosto de Jesus "mudou de aparência e sua roupa ficou muito branca e brilhante" (Lucas 9, 29). Encontrava-se ali em companhia de Pedro, Tiago e João. "Uma nuvem os cobriu com a sua sombra. Dela ressoou uma voz: Este é o meu filho amado".

No cume da montanha, a emoção divina transbordou. A declaração de amor ecoou para banir todas as teologias necrófilas que se tecem de lágrimas e tristezas.

Apaixonado, Deus "os cobriu". Pai a agasalhar o filho, amado a fecundar a amada, divino e humano fundidos numa só pessoa.

O Espírito de Deus levara Jesus ao êxtase. Encontrara ele, afinal, a resposta à indagação que o poeta, séculos depois, lançaria no refrão de um canto: o que será que será?

Transfiguraram-se os apaixonados, que teimam em cessar os pônteiros do tempo no infinito, e os loucos, ao exibir o lado avesso do inconsciente. Transfiguraram-se os poetas ao garimpitar palavras, e os que se sabem alcançados pelo perdão. Transfiguraram-se os que se perdem embevecidos pelo clarão da lua e quem se despe do pudor de sorrir.

Transfigura-se sobretudo o místico, deixando-se povoar por um Outro que não é ele e, no entanto, desborda-lhe a

verdadeira identidade. Então, a semente explode em fruto, a porta em caminho, o gesto em carícia.

A radical vocação do ser humano é transfigurar-se. Superar a própria figura, o peso narcísico do ego, o apego aos bens finitos, o reflexo ilusório de si no jogo de espelhos que lhe deturpa o perfil, seduzindo-o a ser o que não é. Lamento



agônico de Fernando Pessoa: "Fui o que não sou".

Nas vias da transfiguração reinam as trevas cantadas por João da Cruz: "Oh noite que juntaste / Amado com amada / amada já no Amado transformada". Eco da exclamação paulina, séculos antes: "Já não sou eu que vivo, é Cristo quem vive em mim".

Quem não centra o desejo para dentro de si, tateia, em vão, na busca insaciável de derivativos. Há o que dilata a consciência, mas não o coração. Mina a auto-estima de quem se sabe encerrado num cárcere sem o lado de fora. O consumismo reificador a incendiar a vaidade em chamas de celofane. O poder a inebriar quem adora

brincar de Deus e sonega a alteridade arrancando da manga o valete da superioridade.

Transfigurar-se é ascender a ladeira íngreme do Tabor até mergulhar a cabeça na nuvem do não-saber. É um aspirar sem querer, acreditar sem ver, esperar sem ter, dar-se sem possuir. É reduzir todos os pontos cardinais do ego ao seu núcleo central: o amor.

Orar, não como quem repete incessantes palavras, como se Deus fosse surdo. Mas como quem ouve o silêncio, apalpa o mistério, abre-se à paixão divina, que nunca nos é negada.

Transfigurado, Jesus entrou em sintonia com Moisés e Elias. Reatou os fios que unem passado e presente, velho e novo, profecia e evento, promessa e epifania. Sarça ardente, cavalos de fogo e a ternura materna de um Pai manifestada ao filho dileto, cacos de um vitral diáfano.

Pedro, João e Tiago não queriam afastar-se dali. Propuseram armar tendas, como amantes que teimam em não abandonar o leito onde a volúpia do espírito explode na liturgia dos corpos.

Jesus, porém, convenceu-os de que inebriar-se de Deus não é um luxo espiritual. Nem a recompensa meritória a uma vida pautada pela mais rigorosa moral.

Deus não é um prêmio a ser entregue a uns poucos eleitos. É uma dádiva, abundante como a mais torrencial tempestade. Para encharcar-se dela é preciso "descer" até o próximo, pois falso é o amor que não faz o outro sentir-se amado.

A TRAGÉDIA DA GUERRA NA TERRA DA PAZ



MARCELO BARROS

Em um ano, mais de cem mil pessoas morreram, vítimas de guerras. Em 14 países, a ONU mantém 28.900 soldados, de diferentes nacionalidades, e em operações pela paz.

Na terra de Jesus Cristo, os conflitos entre judeus e palestinos se intensificam. Jerusalém, cujo nome significa "visão de paz" está em guerra. O que podemos fazer para construir a paz?

Conforme o informe anual do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos (IISS), de Londres, neste último ano, só na África Subsaariana, sessenta mil pessoas foram vítimas de guerra. Países aumentam gastos militares: só em 1999, 53,4 bilhões de dólares em armamentos. Com tanto dinheiro investido na indústria da guerra, os poderosos precisam garantir o uso das armas que vendem. Os países ricos são os que mais produzem armas. Os pobres as compram e as usam contra outros pobres. Conflitos e guerras prosseguem na África, no Oriente Médio, no Sudeste Asiático e na América Latina, particularmente na Colômbia.

Na Palestina, os conflitos têm causas que se perdem no tempo. A Bíblia conta que o povo de Israel conquistou a terra dos cananeus, antepassados dos atuais palestinos. Há quase dois mil anos, os

romanos expulsaram os judeus do país, espalhando-os como estrangeiros, por diversas regiões do mundo. Desde então, a Palestina foi dominada por diferentes povos. No final do século XIX, os judeus decidiram voltar à sua terra. Em 1909, na Galileia, fundaram o primeiro Kibutz, colônia agrícola comunitária. Em 1917 o governo

inglês apoiou a criação de um território judaico na região, sob a condição de que os direitos das comunidades não-judaicas fossem respeitados. Prometeu aos árabes um

E s t a d o

independente, jamais criado. Durante a segunda guerra mundial, com a cumplicidade de muitos Estados e a omissão das religiões, inclusive de papas, bispos e pastores cristãos, os nazistas assassinaram seis milhões de judeus. Ainda hoje, este holocausto pesa na consciência de todo o mundo.

Em 1947, sem consultar os árabes que vivem na região, a ONU declara que os judeus têm direito a uma pátria. Estabelece 54% do território palestino para a criação de um Estado judeu. Os árabes protestam, mas o Estado de Israel comece com o território de 75% da Palestina, um terço a mais do que a ONU, sem consultar os árabes, estipulara.

Começaram as expulsões dos palestinos de suas terras. Em 1964, no Cairo, os países árabes criam a Organização para a Libertação da Palestina (OLP). Os conflitos se intensificam. Em 1967 Israel anexa para

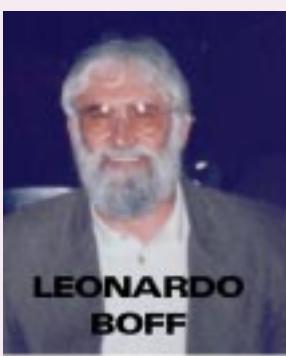
si outra parte do território palestino: a Península do Sinai, a Faixa de Gaza, a Cisjordânia, as Colinas de Golã e a zona oriental de Jerusalém. A ONU exige que Israel devolva as áreas aos palestinos, mas não tem sua exigência acatada.

Nos últimos anos, por interesses comerciais, as potências ocidentais forçaram Israel a reconhecer a necessidade de territórios autônomos para os palestinos e a respeitar uma autoridade que os represente. De um lado e do outro, há pessoas trabalhando pela paz, mas tanto Israel como os palestinos contam com grupos e organizações extremistas que favorecem a intensificação dos conflitos. O governo de Israel nega-se a cumprir acordos já feitos e os palestinos reagem como podem.

Exigem a posse de lençóis freáticos, indispensáveis para a sobrevivência em territórios quase desérticos, pedem o retorno e a indenização dos refugiados palestinos que vivem em campos de concentração na fronteira de Israel com a Jordânia, Líbano e Síria e insistem no respeito às resoluções da ONU que decidiu ser justo que o Estado palestino ocupe 44% do território onde hoje é Israel.

Exames genéticos confirmam: judeus e palestinos têm antepassados comuns. São mais irmãos do que pensam. Ambos os povos querem a paz. Todas as religiões envolvidas pregam a paz. Inimigos da paz são o fanatismo religioso e o sectarismo político. Podemos colaborar para a paz, empenhando-nos para que, na organização do mundo, reinem a justiça, o respeito entre as diferentes culturas e o diálogo entre as religiões.

O NASCIMENTO DA ÉTICA - EXCLUSIVO



**LEONARDO
BOFF**

A base de toda construção ética, cujo campo é a prática, se baseia nesta pressuposição: a ética surge quando emerge diante de nós o outro.

O outro pode ser a pessoa mesma que se volta sobre si

mesma, analisa a consciência, capta os apelos que nela se manifestam (ódio, compaixão, solidariedade, vontade de dominação ou de cooperação, sentido de responsabilidade), se dá conta de seus atos e das consequências que deles se derivam. O outro pode ser aquele que está à sua frente, homem ou mulher, criança, trabalhador, empresário, portador de HIV, negro etc. O outro podem ser os outros como uma comunidade, uma classe social, a sociedade como um todo, ou, numa perspectiva mais global, a natureza, o planeta Terra como Gaia.

A ética surge do modo de relação que é estabelecida com estes diferentes tipos de outro.

Diante do outro ninguém pode ficar indiferente. Tem que tomar posição. Mesmo não tomando posição, silenciando e mostrando-se indiferente, é uma posição. Pode fechar-se ou abrir-se ao outro, pode querer dominar o outro, pode entrar numa aliança com ele por um processo de colaboração, pode negar o outro como alteridade, não respeitando-o mas incorporando-o, submetendo-o ou simplesmente destruindo-o.

De todas as formas, o outro representa uma pro-posta que reclama uma resposta. Deste confronto entre pro-posta e res-posta surge a re-sponsa-bilidade. Ao assumir minha responsabilidade ou demitir-me dela, me faço um ser ético. Dou-me conta da consequência de meus atos. Eles podem ser bons ou ruins para o outro e para mim.

O outro é determinante. Sem passar pelo outro (que posso ser eu mesmo), toda ética é anti-ética.

Não sem razão todas as religiões e tradições éticas, do Ocidente e do

primeiro quem detém os meios de produção, depois os demais, deixando até de fora quem não tem força social de pressão. São os excluídos, hoje perfazendo, as grandes maiorias da humanidade, cujas vidas não têm sustentabilidade, vivem abaixo do nível de pobreza e, em consequência, morrem antes do tempo.

Esse tipo de sociedade valoriza mais a competição que a cooperação e magnifica o indivíduo que constrói sozinho sua vida, seu bem estar e seu destino.

A sociedade neo-liberal levou até as ultimas consequências esta visão. Por isso os governos que administram desigualmente os bens públicos, privatizam, planejam políticas públicas e sociais pobres para os pobres e ricas para os ricos e poderosos seja indivíduos, empresas ou classes, atendem a seus interesses, garantem seu tipo de consumo e cuidam de suas expectativas, sem incentivá-los a olhar para os lados onde está o outro e os outros, tais governos não organizam a busca comum do bem comum. Por isso são anti-éticos e fatores de atitudes coletivas anti-éticas. Não se orienta pelo outro que é o princípio fundador da ética básica.

A sociedade mundial hoje globalizada nesse modelo anti-ético promove a globalização como homogeneização: um só pensamento, um só modo de produção (o



capitalista), um só tipo de mercado, um só tipo de religião, a romano-católica, um só tipo de música (rock), um só tipo de comida (fast food), um só tipo de executivo, um só tipo de educação, um só tipo de língua, o inglês.

Com a negação da alteridade ou o seu submetimento ou a sua destruição, a geo-sociedade atual se coloca em confronto com ética. Essa atitude perversa tem como consequência a má qualidade de vida atual em todos os âmbitos sociais, culturais e naturais.

Ela se torna grave quando atinge o substrato físico-químico que possibilita a biosfera e o projeto planetário humano. Não se respeita a Terra como um todo, reduzida de Gaia e super-organismo vivo, a mera reserva de recursos naturais, entregues ao bel prazer humano. Violenta a alteridade dos eco-sistemas, depredando seus recursos, como se não tivessem uma história mais ancestral que a nossa e nós não dependêssemos deles para a nossa própria vida.

O preceito ético-ecológico urgente hoje é este:

"Aja de tal maneira que tuas ações não sejam destrutivas da Casa Comum, a Terra, e de tudo no que nela vive e co-existe conosco".

Ou : "Aja de tal maneira que permitas que as coisas possam continuar a ser, a se reproduzir e a continuar a evoluir conosco". Ou então: "Use e consuma o que precisas com responsabilidade para que as coisas possam continuar a existir, atendam nossas necessidades e as necessidades

das gerações futuras, de todos os demais seres vivos, que também junto conosco têm direito de consumir e de viver". Precisamos consumir para viver. Mas devemos consumir com responsabilidade e em solidariedade para com os outros, respeitando as coisas em sua alteridade e



entrando em comunhão com elas, pois são nossos companheiros e companheiras na imensa aventura terrenal e cósmica.

Como se depreende, não é essa a ética que predomina. A ética vigente é predatória, irresponsável, individualista, perversa para com os outros, tratados com dissimetria e injustiça nos processos de distribuição e compensação. Ela é cruel e sem piedade para a grande maioria dos seres vivos humanos e não humanos.

Para superarmos essa ética altamente destrutiva do futuro da humanidade e do planeta Terra devemos partir de outra ética. Só uma nova ética pode gerar uma nova ética.

A nova ética que está se difundindo um pouco por todas as partes arranca de outra compreensão da realidade, fundada no conjunto de saberes que perfazem as ciências da Terra.

A tese de base desta ética afirma que a lei suprema do universo é a da interdependência de todos com todos. Tudo está relacionado com tudo em todos os pontos e em todos momentos. Ninguém vive fora da relação. Mesmo a lei de Darwin do triunfo do mais forte se inscreve dentro dessa pan-relacionalidade e solidariedade universal. Por causa das inter-retro-relações de todos com todos é que se garantiu a diversidade em todos os campos, particularmente, a biodiversidade e todos chegamos até aqui e vivemos hoje. Sobrevivemos graças às bilhões de células que interagem entre si em nosso corpo e das bilhões de bactérias, mitocôndrias e outros corpos que vivem dentro das células, células que formam organismos, corpos, sistemas, interconectados com o meio natural e cósmico.

Essa cooperação de todos com todos funda uma nova ética que, por sua vez, origina uma nova ética de convivência, cooperação, sinergia, solidariedade e comunhão de todos com todos e com a Terra, com a natureza e com seus ecossistemas.

Ou assumimos tal ética e com ela fundamos um novo pacto sócio-cósmico ou corremos o risco de ir ao encontro do pior, ou de uma travessia altamente destruidora da vida e da humanidade que poderá dizimar um número incontável de seres orgânicos.

A partir dos sobreviventes deste eventual apocalipse, aprender-se-ão as amargas mas benfazejas lições da história. Com os novos valores fundados na cooperação e solidariedade inaugurar-se-á um outro tipo de ser humano, com outro tipo de civilização e com outro tipo de destino planetário da humanidade que aprenderá a entender-se como sendo a própria Terra que chegou ao momento de sentir, pensar, amar, venerar e se responsabilizar pelo futuro comum dos humanos, de todos os demais seres e da própria Terra, pátria e mátria de todos.



Oriente, estabelecem como máxima fundadora do discurso ético: "não faça ao outro o que não queres que te façam a ti". Ou positivamente: "faça ao outro o que gostarias que te fizessem a ti".

E como o outro mais outro é o pobre e o excluído, o imperativo ético mínimo e urgente, prévio a qualquer outro, é esse:

"Liberta o pobre e o excluído".

Apliquemos isso à nossa sociedade. Ela não é uma sociedade qualquer. Ela precisa ser qualificada: é uma sociedade, predominantemente, estruturada no modo de produção capitalista, quer dizer, privatiza os meios de produção e define de forma desigual o acesso aos bens necessários à vida:

DOM HELDER: DOIS ANOS JUNTO AO PAI

Para homenagear aquele que foi e será sempre, o grande inspirador de todo o nosso trabalho, na celebração desses dois anos de sua partida para a casa do Pai, divulgamos, através de testemunhos, o que ele significou para o mundo, como apóstolo da Igreja de Jesus Cristo. Publicamos abaixo, textos extraídos do livro Helder, o Dom, organizado e apresentado por Zildo Rocha

- "A Igreja de Olinda e Recife não pode deixar no chão essas bandeiras nem pode permitir que passem a outras mãos. Deve empunhá-las e assumir a vanguarda da luta pelo Reino. Dom Helder deu a esta Igreja uma dimensão que ultrapassa os limites geográficos da Diocese. Atinge todo o Nordeste, terra de sofrimentos, de injustiças mas de esperança também. Sobretudo de esperança". **DOM JOSÉ MARIA PIRES**

- "Homem de ação consciente e corajoso em prol de um mundo "mais justo e mais fraterno"; homem de Igreja, atento e disponível às "surpresas do Espírito", Dom Helder é também um contemplativo em permanente conversação com Deus, através de toda sua criação. Tem o olhar poético dos místicos que leem e escutam o invisível no visível. Tem por vezes a expressão, como no ballet que inspirou a Maurice Béjart ou no Oratório ("Sinfonia dos Dois Mundos") que encenou numerosas vezes. Como nas suas "meditações" das quais várias coletâneas apresentam uma seleção". **JOSE DE BROUCKER**

- "Dom Helder me havia ensinado o essencial: uma revolução tem mais necessidade de transcendência que de determinismo. Enviou-me, então, no dia 26 de maio de 1970, seu livro "Spirale de Violence" (Descípula de Brouwer, 1968) com a seguinte dedicatória: "A Roger Garaudy de quem me sinto irmão na fome e na sede de justiça". **ROGER GARAUDY** - Embora essas pessoas simples não soubessem dos grandes méritos de nosso mestre Dom Helder Camara na fundação do CELAM e em tantas ocasiões de luta em favor dos pobres, que devem ser lembradas por historiadores na História da Igreja do Brasil, todas elas sabiam que podiam contar com a voz e o coração do homem destemido, muitas vezes incomprendido, mas sempre unido à Igreja e à justiça social pela qual todos nós temos que lutar (...) Seu nome será lembrado junto com o dos apóstolos mais insignes de todas as gerações, que souberam honrar o Brasil e usar o carisma de defensor da paz e da justiça para os filhos de Deus. De todos, Dom Helder é irmão. E de nossa geração, além de irmão ainda foi mestre e amigo fiel". **DOM PAULO EVARISTO ARNS**

- "O Concílio Vaticano II encheu de alegria e de esperança o coração de Dom Helder. Ele desejava que a Igreja, Esposa de Cristo, estivesse à altura dos novos tempos. Assim, ele contava com especial vibração o gesto que João XXIII realizou durante a visita de um de seus amigos ao apartamento papal: abriu a janela do seu escritório e, deixando que o ar fresco invadisse o ambiente, disse prazeroso: "é preciso que o Concílio, como este vento, varra todo o mofo da nossa Igreja". **DOM MARCELO CARVALHEIRA**

- "Dom Helder, quando ainda pregava, o fazia com vivacidade, os olhos faiscando, as mãos esqueléticas e os braços finos em gestos exuberantes que lhe compensavam a estatura; o corpo erguido nas pontas dos pés, como se a ênfase lhe brotasse do impulso de querer voar; o sotaque nordestino rasgando as vogais de suas mensagens em frases curtas, sem vírgulas ou circunlóquios". **FREI BETTO**

- "O estilo de vida era muito importante, naqueles dias, para os cristãos que lutavam e admiravam o fato de Dom Helder ter preferido usar uma cruz peitoral de madeira, em vez das de ouro ou de prata, então usuais entre os bispos. Vibrávamos, igualmente, quando ouvíamos

dizer que ele abandonara seu palácio episcopal para ir morar com os pobres. Alguns jovens cristãos chegaram mesmo a tentar persuadir nossos bispos sul-africanos a fazerem o mesmo - o que não significa que muitos deles morassem em "palácios". **ALBERT NOLAN**

- "Sem o saber, o senhor fez e faz coisas bonitas em mim. Ajudou-me a entender melhor o significado da Bíblia para a vida. Muito obrigado! Sempre tive vontade de lhe contar estas coisas, coisas bem pequenas do dia a dia, que trago na memória e que me animam e orientam nos momentos difíceis da vida". **FREI CARLOS MESTERS**

- "As autoridades eclesiásticas que o visitavam em Recife admiravam o carinho e a simplicidade com que as pessoas o tratavam. O cardeal Suenens chegou a suspirar: "Ah, se fosse assim em Bruxelas!" **EDUARDO HOORNAERT**

- "Carlos Barth gostava de definir a Igreja como "conspiratio testium" - conspiração de testemunhas. Pois bem, o Sr. continua sendo para nós inspiração e guia nessa conspiração por Jesus, pela justiça, pelos povos oprimidos". **SEBASTIÃO ARMANDO SOARES**

- "Dom Helder não chegou na Arquidiocese com um plano estabelecido. Carregava consigo uma bagagem de experiência acumulada, com um coração grande para ouvir, com disponibilidade para trabalhar em conjunto". **Pe. ERNANNE PINHEIRO**

- "Dom Helder foi um pastor discreto e soube trabalhar de forma a respeitar a iniciativa dos outros. Ele nunca impediu ou coibiu qualquer iniciativa de serviço e de ajuda ao povo de Deus". **REV. FRED MORRIS**

- "Por que lhe cortaram as asas? A resposta se encontra no livro de Gerald Arbuckle, teólogo e antropólogo neozelandês: por causa da "inveja". Inveja? Sim, senhor, inveja! O maior defeito do clero é a inveja. Os clérigos não suportam que outros se projetem mais que eles. No Terceiro Milênio o grande pecado será a inveja e a maior preocupação dos confessores do clero será perguntar sobre a inveja". **Pe. JOSE COMBLIN**

- "Muitos se perguntam porque um Bispo como Dom Helder não foi distinguido com a nomeação de Cardeal. Ouve algo no sentido de que Paulo VI desejava isso, mas as resistências na Cúria eram muito grandes.

Essas resistências da Cúria são um grande louvor a Dom Helder, Bispo Católico, fiel à sua doutrina, obediente ao Papa, mas avesso a muita coisa que ainda precisa ser modificada na Igreja e que o Concílio não teve oportunidade de reformar". **DOM CLEMENTE ISNARD**

- "Dom Helder, finalmente, alcançara um agudo senso de que mais do que as palavras e documentos, o que realmente chegava às pessoas e as tocava, eram determinados gestos e símbolos e que era pelas imagens que se fixava no povo o sentido do Concílio. Estava sempre em busca destes gestos que pudesse causar impacto. Ao Papa João XXIII, havia proposto uma celebração final que abandonasse o fausto barroco da Roma pontifícia e primasse pela simplicidade e profundidade dos gestos. Repete a mesma proposta ao Papa Paulo VI e exulta quando alguns destes sinais são por ele incorporados à celebração de encerramento do Concílio". **Pe. JOSE OSCAR BEOZZO**

- "Os quatro anos do Concílio, nas palavras de um eminente historiador, transformaram Dom Helder, "do relativamente pouco conhecido arcebispo auxiliar do Rio de

Janeiro, num dos personagens mais influentes na cena internacional da Igreja contemporânea". **Pe. LUIZ CARLOS LUZ MARQUES**

- "Sua vida cresceu, qual "conversão" permanente de um "bispo" na medida que ia conseguindo descobrir, em seu pensar, viver e agir, o verdadeiro e amável mistério da Igreja. A eclesiologia vai se revelando, desde cedo, a inspiração de sua contemplação e de sua luta apaixonada". **FREI CARLOS JOSAPHAT**

- "Aqui também aparece a relevância da figura de D. Helder. Metido no jogo duro das ideologias conflitantes em nosso País e Continente, exerceu papel ideológico único, sem identificar-se totalmente com nenhuma ideologia. Era símbolo do protesto e da crítica a toda ideologia que violava os direitos humanos". **Pe. JOÃO BATISTA LIBANIO**

- "Poucas pessoas, mais que Dom Helder, marcaram a caminhada da Igreja na América Latina. Ao seu, ter-se-ia de juntar o nome de um de seus grandes amigos e companheiro de jornada, de projetos e de sonhos: Dom Manuel Larrain, que foi Bispo de Talca, no Chile. (...) Dom Helder foi durante toda a vida um testemunho da esperança em meio a realidades que pareciam negá-la a cada passo". **GUSTAVO GUTIÉRREZ**

- "Dom Helder Câmara é o maior profeta do Terceiro Mundo, diria, de toda a Igreja Universal. O profeta é o homem da palavra que denuncia, que anuncia, que consola e que constrói o horizonte utópico sem o qual ninguém nem a sociedade pode viver". **LEONARDO BOFF**

- "A vida de D. Helder é um sinal da glória de Deus porque aponta para direções precisas, porque assumiu causas precisas, tentando fazer seus os mesmos valores de Jesus de Nazaré e dos profetas e profetisas que o precederam ou que foram seus contemporâneos". **IVONE GEBARA**

- "Dar um depoimento sobre a vida e a obra de Dom Helder é o mesmo que proclamar a presença e a ação de Deus na América Latina, nesta segunda metade do século XX. Dom Helder nos manifestou com sua vida e sua palavra o que Deus quer de nós como Igreja neste fim de século. Dom Helder é o testemunho vivo da vontade de Deus em nosso continente". **PABLO RICHARD**

- "Como a pobreza é ecumênica e a carência não distingue católico e protestante, cristão e não cristão, desde o começo, Dom Helder abriu o coração aos cristãos das outras igrejas e a crentes de outras religiões e culturas". **Pe. MARCELO BARROS**

- "Todo profeta tem o seu rosto próprio e seu timbre de voz peculiar. O que, de modo especial, sempre me chamou a atenção no rosto profético de D. Helder Câmara foi o seu olhar de bondade. E tal olhar, ele tão bem consubstanciou em um olhar sobre a cidade: "Mas como filhos seus, nesta hora de tanto ódio, e de tanta violência, pedimos ao Pai: Faze de mim um arco-íris, que anuncie a paz, a esperança e o amor"! **FREI HUGO FRAGOSO, OFM**

- "A comunhão eclesial de todos os membros do povo de Deus constituía o princípio mestre do governo de Dom Helder na Arquidiocese de Olinda - Recife, chegando mesmo a debruçar-se com profunda atitude de humildade diante daqueles que, por um ou outro motivo, manifestavam -se infensos à sua pessoa". **RAIMUNDO CARAMURU**

CONTANDO A HISTÓRIA DE QUEM CONTA E FAZ A HISTÓRIA

O NASCIMENTO DO JORNAL

ASSUERO

Após sermos proibidos de escrever no jornal A Pracinha e D. José ter obrigado ao Pe. Luiz dissolver o Conselho Paroquial (o que ele não fez), resolvemos editar um jornalzinho independente que denunciasse esta e outras situações anticristãs pelas quais estávamos passando.

O primeiro número, do qual vocês estão recebendo o fac-símile, foi feito artesanalmente com os artigos recortados e colados numa folha em branco e depois fotocopiados. A distribuição era feita à porta da igreja nova de Boa Viagem (hoje N.Sa. de Fátima), ao término das missas.

Houve muitas reações; as desfavoráveis chegaram às vezes à quase violência, alguns quiseram nos agredir, rasgavam o jornal na nossa frente, embora isso fosse uma minoria. Jamais reagimos a estas provocações e fazímos, mesmo sem saber, o protesto pacífico, como o que D. Helder chamaria de "força moral libertadora".

Descobrimos uma coisa importantíssima para as forças de resistência: a hierarquia opressora não tem nenhum poder sobre os leigos e as leigas organizados.

Foi um início de muito sofrimento e coragem. A mística que nos envolvia (e espero que perdure) é a mística dos profetas. Outra coisa que descobrimos agora, com toda esta situação da paróquia, é que infelizmente tínhamos razão.

Como não há ganho sem perda, podemos dizer de coração aberto e de alma larga: valeu a pena !



A PRIMEIRA EDIÇÃO

MARCELO CALÁBRIA

Máquina IBM, tipo Courier 10, foi o artefato utilizado para elaboração da primeira edição (e outras) do Jornal Igreja Nova. No tamanho meio ofício, para tornar o jornal mais econômico, os desenhos eram feitos à mão (bico de pena), recortados e colados nos espaços próprios à elucidação dos artigos. O nome do jornal e os títulos desses artigos eram feitos com "letra-set" nos tamanhos proporcionais ao "interesse" da matéria.

A primeira gráfica situava-se em João Alfredo, Benfica, porque o dono sensibilizou-se com à nossa causa e nos dava um desconto de 50%. Tiragem: 500 exemplares.



A DISTRIBUIÇÃO

Nas calçadas laterais e frontal da igreja nova de Boa Viagem, cada exemplar era oferecido, por um membro da comunidade que abraçava nossa luta, àquele que saía das missas semanais desta paróquia. Alguns incidentes ocorreram nesta operação, mas a coragem e a perseverança dos que deram continuidade a esses trabalhos, hoje se sentem gratificados pelos frutos que colhem.

FOI ASSIM ...

DÓRIS

Ao nascer a roseira só apresenta espinhos. Foi assim o nascer do Jornal Igreja Nova: só espinhos.

O Jornal era confeccionado de forma artesanal: datilografado, recortado, colado, pelas mãos unidas dos participantes. Eis que surgia uma jornada de serviço desafiando todos. E a perseverança na luta de um mundo mais fraterno e a esperança de ver nascer a rosa, prevaleciam.



Os recursos financeiros eram escassos, mas o espírito de doação predominava mobilizando as forças. Eis que surgia uma energia envolvendo todos. E a perseverança na luta por uma justiça social e a esperança de ver nascer a rosa, prevaleciam.

O Jornal era distribuído na porta da Igreja de Boa Viagem após as missas dominicais. Ecoavam insolências, petulâncias, ousadias... E o silêncio era a resposta mais adequada para a luz brilhar um dia. Eis que surgia uma tolerância abrangendo todos. E a perseverança na luta para a construção do Reino e a esperança de ver nascer a rosa, prevaleciam.

Foi assim o nascer de uma caminhada para o Cristo libertador.

O QUE MAIS DOEU

Ao contrário do que muita gente pensa, o maior sofrimento de uma comunidade não é perder o padre que a acompanhava. A perda machuca, principalmente quando as circunstâncias são ardilosas, mas o padre se vai e a comunidade permanece. Em Boa Viagem foi assim.

Após 3 anos, o Pe. Luiz Antônio foi excluído de nossa arquidiocese e com ele os que o ajudavam pastoralmente. Aí se processou, quase instantaneamente e se arrastou por anos, o pior dos sentimentos entre irmãos: a divisão.

Na paróquia de N. Sra. de Boa Viagem ergueu-se um muro de vidro e, através dele, a cada celebração eucarística nos fins-de-semana, um lado sorria do outro, que se amargurava pela exclusão. Os que faziam o Grupo IGREJA NOVA tornaram-se exilados num território exíguo, onde antes companheiros de fé caminhavam de mãos dadas. Anos de convívio fraterno nas equipes do ECC, nos cursos de crisma, noivos e batismo, nas missões nas favelas, na luta árdua de construção da igreja nova, no jornal Pracinha, nas homilias da quaresma, nas Feirinhas da Fraternidade, nas festas de São João, nas descontrações, no Conselho Paroquial, tudo foi destruído num passe de mágica por alguns que assumiram com voracidade o poder ao lado

BETE

do novo padre.

Grandes amizades se desfizeram porque os incluídos eram impedidos ou ridicularizados por cumprimentar os excluídos; convites para trabalhar nas equipes pastorais foram desfeitos; acesso ao altar, distribuição da eucaristia e liturgia da Palavra, eram dos privilegiados do novo padre e o Curso de Teologia para Leigos se refugiou nas "catacumbas", com direito a espionagem arquidiocesana.

Através do vidro do muro, os que aderiram ao IGREJA NOVA, viam desfilar os olhares atravessados, os risos irônicos e a indiferença dos amigos tão queridos. O que não faz um mau pastor episcopal e seus subordinados ...

Aos poucos, o IGREJA NOVA foi conquistando força e encontrando o seu caminho, hoje palmilhado com o reconhecimento de muitos, até dos que não conhecem o seu início de luta e sofrimento, e pelos que custaram a acreditar que a fé, que remove montanhas, pode ser um diamante cortando um muro de vidro, que foi o que mais doeu nesta trajetória.

Aos companheiros de missão na paróquia de Boa Viagem, a amizade fiel e a mão estendida para a caminhada.



A IGREJA SOFRE ...

EDÊNIA RIBEIRO AMARAL - COLABORAÇÃO DE FERNANDO BRITO

Há dez anos um grito forte ecoou, saindo das profundezas de nossa alma: A IGREJA SOFRE. Os jovens formados no seio da paróquia de Boa Viagem, não aguentaram mais e gritaram. Tão forte era a indignação e a dor, que o som rompeu as barreiras da comunidade, estampou camisas e vagou mundo afora. Chegou a outros estados, a outros países e a muitos corações. O nosso grito, como fermento na massa, se juntou a outras vozes da comunidade e decidimos ir à Natal. Os jovens com suas camisas e alguns casais com uma faixa vermelha escrita em polonês: "SANTO PADRE, OLINDA E RECIFE ESTÃO COMO OVELHAS SEM PASTOR. SOLIDARIEDADE!" Na



cidade de Natal, o Papa nos viu e "ouviu". Dentro de nós, o peito sangrava as perdas e, como se sua voz pudesse escapar ao corpo, nove nomes foram escritos nas nossas camisas. Eram nove nomes escritos, mas eram muito mais nomes sem pastor. Eram projetos desmantelados, eram comunidades acéfalas, eram homens e mulheres humilhados e seus sonhos sacudidos pela insensibilidade, talvez insanidade, de alguns homens, ditos da Igreja. Estes insanos, insensíveis e contraditórios homens, se deixam

manobrar por uma institucionalização burocrática, vinda de longe e que tenta impedir a construção de um mundo mais próximo do Reino de Deus.

A camisa, com os nove nomes, tornou-se um símbolo. Vestir a camisa, deveria ser como dar corporeidade ao grito de resistência aos desmandos realizados na Arquidiocese. Na Igreja do Colégio

Salesiano, quando D. Hilário Moser "deixou" a Arquidiocese, nós estávamos lá para a sua missa de despedida. Estávamos vestidos com as nossas camisas, estávamos dizendo a todos da nossa luta. Depois desse fato, o último de nossos projetos de movimento jovem, na paróquia de Boa

Viagem, foi engavetado. Não era esse o "tipo" de juventude que interessava aos novos moldes da Paróquia, onde membros do conselho paroquial foram destituídos dos cargos. O nosso querido Paulo André, por ter usado a camisa, não podia mais ser o tão dedicado ministro da eucaristia nas missas e, após a sua morte prematura, os seus escritos, apesar dos nossos constantes pedidos, ficaram adormecidos, possivelmente, na mesma gaveta que prendeu os nossos sonhos de construção na comunidade.

Nove nomes em uma camisa representavam e representam muitos. Não eram, não são e não poderão jamais ser nomes quaisquer. Para ser incluído naquela lista de nomes que sofrem com a Igreja perseguida, faz-se necessário ser "os sobreviventes da grande tribulação; lavaram as suas vestes e as alvejaram no sangue do Cordeiro" (Cf Ap 7, 14). O silêncio e o medo tornavam cúmplices dos algozes aqueles que não ousavam uma posição explícita mas que, na calada da noite, cumpriam as ordens. Ninguém foge às verdades históricas e os medrosos jamais poderão ter os seus nomes gravados onde quer que seja, pois o medo os apagou dos corações que lutam. A mesma instância burocrática, expulsa hoje, aquele que sentou a sua mesa, serviu-se do seu vinho e do seu poder, e foi útil ao cumprimento dos seus intentos. Mas este, não faz parte dos nomes escritos na camisa, não pode levantar a faixa vermelha e nem se juntar a nós neste momento. O seu brado contra o bispo é muito diferente do nosso!

Dez anos se passaram. A história está sempre viva em nós e o sonho de uma Igreja viva, atuante, refletindo a face do nosso povo sofrido, ainda arde em nosso peito. Em muitos de nós, o grito interior de indignação, de dor e de luta, talvez seja emudecido na roda da vida, mas a sua existência torna iminente a qualquer novo momento o seu brado.

"A POLONESA"

Era outubro de 1991. No processo de desmonte da obra pastoral de Dom Helder, Dom Cardoso sentenciara mais um padre a deixar nossa arquidiocese: o pároco de Boa Viagem, desarticulando todo o trabalho que ali vinha se desenvolvendo, como já fizera com outras comunidades.

Numa das reuniões do Conselho Paroquial, em assembleia permanente, surgiu a idéia de se clamar ao Papa, que viria à cidade de Natal - RN (dias 12 e 13), para o Congresso Eucarístico. A proposta inicial foi de se levar uns "pirulitos" (cartazes verticais, comuns nas manifestações políticas) contendo as súplicas do povo de Olinda e Recife. Em seguida: por que não uma enorme faixa? Num processo partilhado nasceu o texto, que posteriormente tornou-se a "logomarca" do JORNAL IGREJA NOVA "Santo Padre..... Olinda e Recife estão como ovelhas sem pastor. Solidariedade".

Nesse processo de criação, alguém sugeriu: "poderia ser escrito em polonês" (idioma natal do Papa), e outro completou: "nas mesmas cores usadas pelo sindicato Polonês Solidariedade, como uma forma de homenagear a luta daquele povo por justiça e liberdade".

Mas, quem faria a tradução? O nosso querido e respeitado Strieder, lembrou de um velho companheiro, padre polonês, que era simpático à causa e que se prontificou a nos ajudar, sob a condição do seu nome não ser revelado (até hoje os membros

do grupo não conhecem a sua identidade). Aproveitamos o ensejo para externar a nossa gratidão pela valiosa ajuda.

Outra dificuldade. Pela exiguidade do tempo, Marcelo não conseguia um pintor/



letrista. Mas soprou a ação do Espírito, e, saindo de casa, foi abordado por um rapaz: "o sr. conhece alguém que precise de pintor para letreiros em muros ou faixas?" (era época de eleição). E ali mesmo, na calçada da Av. Domingos Ferreira, a "Polonesa" foi concluída.

O objetivo era abrir a faixa durante a missa do dia 13, mas na véspera, mal se acomodaram, descobriram que o Papa estava chegando no aeroporto e correram para o trajeto, numa avenida próxima. Ergueram a "Polonesa" vermelha, de 5 metros, e esperaram. Ventava forte e por inexperiência não fizeram furos, tornando

EDELOMAR "DÉO"

penosa a tarefa de manter a faixa esticada. A solução foi romper o tecido com cigarro. O Papa passou, acompanhando com a vista a mensagem da "Polonesa".

Para a tarefa na missa do dia seguinte, o grupo (Fernandinho, Marcelo, Doris e Assuero) despertou às 3 horas da manhã. Local escolhido, as pessoas iam chegando e perguntando: "O que tem escrito aí?". Resposta: "Uma saudação de Olinda e Recife ao Santo Padre".

Durante a oração dos fiéis e no ofertório, a "Polonesa" se distinguiu na multidão. Os bispos dispostos no altar comentaram entre si o inusitado do idioma. Dom José, ao lado de um bispo polonês, perguntou a tradução, "é melhor você não saber", respondeu.

Os que ficaram em Recife se emocionaram ao ver a faixa focalizada em rede nacional, por todas as TVs que cobriam o evento. Ficaram mais felizes ainda, quando souberam que o Papa, na reunião com o clero na tarde daquele dia 13, por coincidência ou não, recomendou: "um sacerdote que procura ser outro Cristo experimenta a mesma compaixão de Jesus (...) por todos que jazem abatidos e fatigados como ovelhas sem pastor".

Passados dez anos o Grupo IGREJA NOVA atualiza a súplica: "Santo Padre.... Olinda e Recife continuam como ovelhas sem pastor. SOLIDARIEDADE"

JORNADA TEOLÓGICA: UM SONHO, UMA REALIDADE

REJANE MENEZES

Um ano de preparação, que começa pelo contato com os palestrantes que às vezes, são feitos até três anos antes. Driblar agendas cheias, a especialidade. Pelo menos, seis meses para garantir auditório, escolher tema, dedicatória e finalmente, executá-la.

Mal o quinto dia termina, já se marca a avaliação, acerta-se transcrição das palestras, trocam-se idéias sobre o novo livro.

Assim têm sido as Jornadas Teológicas, um sonho que o Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova ousou viabilizar e que já se tornou parte do calendário religioso de Olinda e Recife.

Realizada durante três anos no auditório da FAFIRE, teve que mudar de endereço por causa do espaço. Os quase 500 lugares já não davam mais conta do público, que crescia a cada ano.

Com o Teatro do Parque cheio todas as noites e completamente lotado na abertura e no encerramento, sente-se que o objetivo principal da jornada está sendo atingido: o de preservar e manter sempre viva a memória de Dom Helder.

Uma exposição com 80 fotos e dados biográficos, dedicada aos mártires sociais da América Latina, no hall de entrada do teatro, despertou curiosidade e sobretudo admiração dos participantes da Jornada, por aqueles que deram a vida, lutando pela justiça e por uma vida mais digna para os seus irmãos. Uma lista com mais de 500 mártires, em sua grande maioria ligados à Igreja, mostrava que a luta pela libertação pode ser difícil e até fatal, mas jamais inglória.

"Teologia para um novo mundo:

construindo um novo tempo", foi o tema escolhido, exposto e debatido a cada noite, quando Giulio Girardi falou sobre como construir uma nova civilização a partir do



cristianismo libertador e Dom Mauro Morelli sobre o Cristo oprimido no dia a dia. O rabino Henry Sobel falou sobre sermos todos irmãos e Dom Tomás Balduíno sobre quem são os herdeiros dos bens da terra, em uma noite em que representantes da CPT trouxeram os frutos da terra conquistada para mostrar, e o MST, a sua luta por um pedaço de terra.

Dom Helder apreciava a música, a dança, o folclore, o teatro. Por isso, em um evento em sua homenagem, não poderiam faltar apresentações culturais.

Um texto de Frei Aloísio Fragoso, interpretado pelo ator Carlos Varella, abriu a Jornada, "trazendo" Dom Helder do céu, para uma visita à terra. Os meninos do Arricirco, a alegria do circo, animaram a

noite de terça-feira e inspiraram D. Mauro a mudar um pouco o roteiro de sua palestra. O Grupo de Dança Shalom apresentou-se na quarta-feira, com uma dança típica, e na quinta, foi a vez do Nené Liberalquino Trio, que encheu o teatro com o maravilhoso som de seus violões.

Tudo vinha seguindo fielmente o programa, sem grandes contratemplos. Mas, para a noite de sexta-feira, dois fatos inesperados surgiiram: Primeiro, soubemos que o violonista Nilson Rangel não poderia mais se apresentar ao lado de Jeová da Gaita. Para surpresa de todos, quando a cortina se abriu, ao lado de Jeová, estava Nené Liberalquino, que voltou ao teatro para acompanhar o amigo, brindando os presentes com um belíssimo encontro de gaita e violão, sendo aplaudidos de pé.

Um acidente com D. Stella, mãe de Frei Betto, ocorrido na noite da quinta-feira, o impediu de vir a Recife, fato que foi avisado ainda durante a Jornada e divulgado através dos meios de comunicação.

O público, que superlotou o teatro na sexta-feira, mostrou que confiava na alternativa encontrada para solução do problema e com toda certeza não saiu decepcionado. Para discutir se um novo mundo é possível, formou-se um painel, onde cada um dos participantes falou sobre como fazer frente ao neoliberalismo. Giulio Girardi falou sobre as alternativas dos povos indígenas, Frei Aloísio Fragoso, sobre a posição do cristão e Dom Tomás Balduíno, sobre a Igreja institucional. O animado debate que se seguiu, encerrou, pode-se dizer, com "chave de ouro", a IV Jornada Teológica Dom Helder Camara. Agora é esperar a próxima.

"Eu desejo que vocês, Igreja Nova, continuem sendo cada vez mais Igreja e cada vez mais novos".

MARIA CLARA BINGEMER, teóloga

OS MÁRTIRES

Pedaços de lembranças,
Passam diante de mim
No descuido do tempo
Repasso a vida ...

De quando livre vivia a festa, os amores
e as dores ...
invadida a terra

Resistir era preciso!

Fui Tupac Amaru
amarrado a quatro
cabalos
Na Praça dos Prantos
Micaela, mulher
amada, puxada,
arrastada,
assassinada
Fui seu filho
Fernando, ainda
criança, obrigado a
assistir ao terrível
espetáculo
Fui caçada na África,
embarcada em navios
Para esta terra morrer na lavoura ou



GORGETTI SANTOS

vendida
Ou na chibata
Fui Zumbi nos Quilombos
Gregório arrastado na praça até a janela
da mulher amada

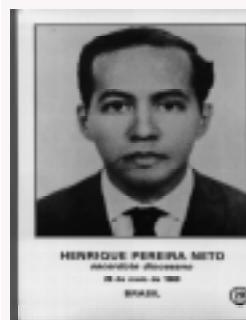
Fui Henrique
esquartejado
Fui Romero e sabia de
que lado estava
Fui Herzog torturado,
Victor Jara amordaçado
Domitila exilada
Fui Galdino queimado
vivo
Cacique Chicão de
morte encomendada
Margarida, herdeira de
tantas lutas, fui morta
com tiro na cara
Pedaços de vida em
pedaços
Quantas Áfricas?
Quantos Méxicos?
Quantas Américas?
Quanto sangue mais é preciso?

"Que o testemunho e o sangue dos mártires não nos deixem dormir em paz".

DOM PEDRO CASALDÁLIGA

PARA RELEMBRAR

OS MÁRTIRES DE NOSSOS DIAS



1992: PAULO FREIRE NOS ESCREVE

Caros amigos e caras amigas de Igreja Nova - Boa Viagem

Numa passagem rápida pelo Recife tive a oportunidade feliz de ler Igreja Nova. Há momentos em que silenciar é conivir. É preciso falar e até gritar. Não podemos renunciar ao direito de ter o dever de "brigar" para estar sendo.

Vai aqui um mínimo de ajuda à continuidade de Igreja Nova, mas, sobretudo, vai aqui a minha esperança. Fraternamente, Paulo Freire - Recife, 03 de janeiro de 1992.

ENTREVISTA EXCLUSIVA: MARIA CLARA BINGEMER

ENTREVISTA REALIZADA DURANTE O I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DA UNICAP- MAIO/2001

Profa. Maria Clara Bingemer é Doutora em Teologia pela Universidade Gregoriana, de Roma; Profa. no Mestrado e Doutorado em Teologia (PUC-RJ); Foi vice-presidente da CVX Internacional em 2000; Foi escolhida pela CNBB como conferencista para a assembléia geral dos bispos em Porto Seguro, por ocasião dos 500 anos do Brasil; É autora, entre outros livros, de "Alteridade e Vulnerabilidade", "Experiência de Deus e Pluralismo Religioso no Moderno em Crise".

IGREJA NOVA - Fale da experiência de ser mulher e trabalhar num campo onde, até então, é muito rara a atuação feminina e que deve mexer com muita estrutura da Igreja. Nos conte essa experiência entre a hierarquia e o seu trabalho?

MARIA CLARA - Não é sem dor. Acho que a mulher tem conquistado um espaço, mas ainda tem que lutar muito, ainda têm experiências dolorosas de não compreensão, de não aceitação. Mas eu acho que o importante é andar para frente, ocupar os espaços vazios e tentar ocupá-los bem e não desanistar. O recado que eu deixo para as companheiras mulheres, que são muitas hoje que estão querendo esse campo da teologia, é que elas vão ter que encontrar obstáculos, mas é importante não desanistar e seguir em frente. Acho que esse é o conselho que Dom Helder daria também. Lutar no positivo, investir no positivo para não ficar dando muro em ponta de faca mas ir fazendo o que é possível fazer e tentando abrir caminho, isso é que é importante. Eu desejo que

vocês do IGREJA NOVA continuem sendo cada vez mais Igreja e cada vez mais novos.

IGREJA NOVA - Você poderia nos falar um



pouco sobre sua experiência com Dom Helder?

MARIA CLARA - Dom Helder é uma figura simbólica interessante, isto é, grande demais. Eu tenho viajado muito por esse mundo de Deus, por conta desse meu trabalho e também porque eu fui vice-presidente mundial de uma associação de leigos, chamada Comunidade de Vida Cristã. Viajei muito e em todo lugar onde eu fui, o nome de Dom Helder Camara provoca uma referência de respeito. É unânime. Há certas figuras que uns gostam outros não. Dele não existem dúvidas. Todo mundo se curva realmente pelo grande pioneiro, o grande profeta da paz, da justiça. Eu tenho grande orgulho de ser brasileira como ele. Quando eu falei na CNBB para os bispos, no ano passado, nos 500 anos, toquei no nome dele diversas vezes, porque foi o fundador da CNBB. É um homem, é uma vida plena mesmo. Acho que é o exemplo dele que dá forças para vocês continuarem nessa luta.

RESISTIR É PRECISO

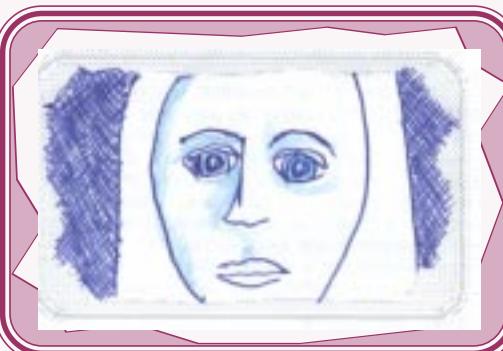
Presto minha homenagem aos amigos e amigas do grupo Igreja Nova, no seu décimo aniversário, tratando de um assunto que, ao longo destes dez anos, tem colorido a sua identidade. A **RESISTÊNCIA**. Resistir ou não resistir, eis a questão, muitas vezes, para os indivíduos e os m o v i m e n t o s clarividentes, frente ao bloqueio contra a lucidez, nos dias atuais.

MÍSTICA. A resistência cristã pode fundar-se numa mística? - Sem dúvida, e o ponto de partida para esta mística está na convicção de que a **VERDADE** é um bem sempre almejado e jamais possuído, sempre procurado e jamais conquistado. Vale aqui lembrar uma afirmativa do filósofo alemão Lessing: "se Deus me estendesse as duas mãos para dizer: guardo na mão direita a **VERDADE ABSOLUTA**, e, na esquerda, a decisão de procurá-la; cabe a ti escolher, eu não vacilaria um instante em aceitar a segunda."

MODELO. Os Evangelhos apresentam Jesus como um questionador radical em favor do Reino. Ele encontra seu povo constrangido por uma concepção de Deus fundada na lei e imposta pelos guardiões da lei. Ele libera as consciências, trocando-a por outra concepção inspirada na Misericórdia. Ninguém está banido da misericórdia do Pai. Foi um escândalo. A tradição já fora estabelecida com outras regras. Mas Jesus a denuncia e deixa claro

que a revelação divina não se dá por via autoritária. Ele mesmo é a prova suprema de que Deus se abre ao diálogo, trocando sua onipotência pela fragilidade humana do seu Filho, feito nosso servidor.

MEDIADAÇÃO. Se estes são os caminhos de Deus, não podiam ser outros os da Igreja. Ela é mediadora para a Verdade e, por isso, deve estar aberta ao diálogo, ao debate, às discordâncias, aos conflitos.



Acomodar-se, sob o pretexto de humilde aceitação, é uma atitude muito menos evangélica do que resistir, quando se está à procura da verdade.

LIMITE. Não é possível praticar resistência sem invocar a consciência. O apelo à consciência pessoal liberta o cristão de grandes conflitos interiores, caso lhe falte uma legitimação no exercício da resistência. Há casos em que o espaço indevassável desta consciência é mesmo sua última instância, no confronto com o poder opressor.

ECO. A resistência ecoa. A fim de sermos fiéis às aspirações e interpelações de

homens e mulheres de nossos dias temos que ser modestos, renunciar à posse em favor da conquista, renunciar ao império em favor do Reino, enfim renunciar à pretensão de sermos donos da Verdade em favor de sua incessante procura. E ela que opera as mudanças, é ela que faz também a Igreja ser melhor por tornar as pessoas melhores, mais compassivas, mais generosas e tolerantes.

FIDELIDADE. Ao contrário do que pode parecer, a resistência é prova de fidelidade. Quem hoje em dia se fecha, numa atitude autoritária, avessa a toda crítica, vai chegar à condição de "voz que clama no deserto"(ao pé da letra). Num mundo pluralista e democrático, a busca do consenso só acontece por intermédio do debate e da votação. A resistência acaba servindo, mais que o conservadorismo, a uma tradição sólida e sadia. Como diz o pensador James Boswell "as coisas estáticas desabam, mas as que estão em movimento, permanecem".

CONCLUSÃO. As melhores verdades se tornam estéreis quando não levam em conta os sinais do tempo. Daí a função dos que creem na Boa Nova não é repeti-la sempre de novo, mas sim anuciá-la. Isso exige uma ressonância constante entre quem a proclama e quem a escuta. Foi assim que agiu São Paulo, ao se enquadrar na cultura dos pagãos, e o genial Santo Agostinho, ao beber das fontes platônicas, e o sempre atual Santo Tomás de Aquino, ao buscar conhecimento nas fontes aristotélicas.

E, modéstia à parte, é assim que tem agido os amigos e amigas do Igreja Nova, nestes 10 anos de resistência.

NOSSOS AGRADECIMENTOS

O Grupo de Leigos Católicos Igreja Nova, após a realização da IV Jornada Teológica Dom Helder Camara, gostaria de fazer um agradecimento especial aos Palestrantes, a todos os artistas que se apresentaram, ao Café São Bráz, aos Veículos de Comunicação, aos Jornalistas, à Escola de Artes e Ofícios Dom Bosco, ao Vereador Josenildo Sinesio, à Agenda Latino Americana, a Marieta Borges, a Wilosn Firmo, às Ordens Religiosas: Sagrado Coração, Salesianos, Franciscanos, Jesuítas, à Prefeitura do Recife, à P&R Produções, ao Locutor Adelmo Cunha, à Agência Avesso Mercado, ao Fotógrafo Robério Rodrigues, à Agência de Turismo VOLOTOUR, ao Movimento de Cursilhos, à Comunidade Judaica, a Obras de Frei Francisco e aos Companheiros e Companheiras de Caminhada, aos Colaboradores anônimos e a todos que de forma direta ou indireta, contribuiram para a realização da IV Jornada, acreditando em nossa proposta, apoiando e divulgando o nosso trabalho. A todos o nosso muito obrigado pela força e pela parceria.

COMUNIDADE

- AGRADECIMENTO - No domingo 05 de agosto, o Grupo Igreja Nova assistiu à Missa celebrada por Pe. João Pubben, na Igreja das Fronteiras, em Ação de

Graças pela IV Jornada. Vale destacar a presença de amigos e do teólogo Giulio Girardi.

- RECOMEÇO - O Grupo de Estudos Dom Helder Camara, coordenado pelo Grupo Igreja Nova, reiniciará suas atividades na

segunda quinzena de Setembro, quando retomará os estudos sobre os Atos dos Apóstolos, com a participação de diversos teólogos. O Grupo continuará se reunindo às quartas-feiras, das 20h30 às 22h, em sua nova sede.

ARQUIDIOCESE

- PALESTRAS - Em sua passagem pelo Recife para participar da IV Jornada Teológica, o teólogo Giulio Girardi fez algumas outras palestras, entre elas, uma palestra, em 02/08, para os padres em Casa Forte e uma outra para a Escola Vivencial do Cursilho, no dia 09 de agosto. E no dia 22, foi a vez de D. Francisco Austregésilo participar da Escola Vivencial.

- CURSO - "Bíblia e compromisso social", é o curso que será ministrado na UNICAP, pelo Pe. Carlos Alberto da Costa e Silva sjc, mestre em teologia bíblica, professor do depto de Teologia e Conselheiro Geral da Congregação. O Curso será ministrado nos dias 4, 6, 11, 13, 18 e 20 de setembro e 2 e 4 de outubro, no auditório do Bloco B, 1º andar, das 13h30 às 17h. Informações - 3216-4171.

- É POR AMOR A ESSA PÁTRIA BRASIL
- É o tema do 7º Grito dos Excluídos, realizado pelo Fórum Dom Helder

Camara e organizado por 30 entidades. O objetivo geral, nas comemorações da Semana da Pátria, é tornar público o clamor dos excluídos, no contexto da economia globalizada, da exclusão social e da falta de uma independência real. Reúna seus amigos e junte-se a todos que, no próximo dia 07, pretendem fazer uma declaração de amor à pátria. Amor que, como uma flor, germina da semente como resultado de uma terra fértil e partilhada por todos. Informações: MTC (antiga ACO), rua Gervásio Pires, 404, Boa Vista. Fone: 3222-0241.

- LANÇAMENTO - Será lançada no próximo dia 05 de setembro, às 18 horas, a Revista de Estudos Bíblicos - nº 70, editada e organizada pelos professores Inácio Strieder e João Luiz Correia Jr. A revista, editada pela Vozes, tem como título "Atos dos Apóstolos - obstáculos ou desafios a serem superados", tem artigos de 09 autores, entre eles, os organizadores. O lançamento será no Bloco J, da UNICAP.

- CLOR - O Conselho de Leigos em Olinda e Recife realizará em 16/09/2001 sua Assembléia Metropolitana para eleger os Delegados à I Conferência Nacional dos Católicos do Brasil, em novembro próximo.

- HOMENAGEM MAIS QUE MERECIDA - No próximo dia 27 de setembro, o paraibano Frei Aloísio Fragoso estará recebendo o título de Cidadão pernambucano, proposto pelo deputado Antônio Moraes.

- COMEMORAÇÃO - No dia 12 de setembro, às 20h, a paróquia de Casa Forte estará comemorando os 70 anos de seu pastor, Pe. José Edvaldo, com uma celebração Eucarística na Matriz e um coquetel na quadra Dom Helder Camara. Ao nosso amigo e irmão, os nossos parabéns.

- ANIVERSÁRIO - No próximo dia 02 de setembro, Zilda Arns estará no recife, para a comemoração dos 15 anos de atuação da Pastoral da Criança nesta arquidiocese. Ela participará da Celebração Eucarística, que acontecerá no Colégio Vera Cruz, às 09h da manhã.

REGIONAL

- PARABÉNS - No dia 24 de agosto, o

nossa querida amiga, irmão e colaborador Dom Francisco Austregésilo, completou 40 anos de episcopado. Damos graças ana

Matriz Deus por estas quatro décadas de verdadeiro pastoreio, conduzindo e animando um rebanho tão sofrido, quanto o do sertão nordestino.

NACIONAL

- PESQUISA - A CNBB solicitou ao CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais) um levantamento das Tendências Atuais do Catolicismo no

Brasil que, entre outros resultados preocupantes, concluiu que dos 67% de brasileiros adultos moradores dos grandes centros que se declaram católicos, "apenas 35% fazem profissão de fé em Jesus Cristo, em Maria e nos ensinamentos

da igreja e podem ser considerados realmente católicos apostólicos romanos. Os outros 32%, apesar de se dizerem católicos, professam formas diferenciadas de religiosidade dentro do catolicismo". (Fonte: Marcelo Beraba, Folha de São Paulo)

INTERNACIONAL

- NOVO SITE - O Movimento Internacional de Apostolado dos Meios Sociais Independentes - MIAMSI, do qual faz parte a Renovação Cristã (antiga Ação Católica), está com um site na internet. Apesar de ainda não estar disponível em português, vale a pena conferir: www.miamsi.com.

- MORRE O Pe. LUIS AGUIRRE - Morreu em um acidente, o padre uruguai Luís Aguirre. Tinha 59 anos e foi um dos símbolos maiores da resistência contra abusos da ditadura militar em sua terra. Ao lado de excluídos, deserdados e estudantes, não cessou de denunciar a violação dos direitos humanos. Preso e torturado diversas vezes. Em 1983 iniciou uma

greve de fome que também contribuiu, entre outros fatores, para o fim da ditadura.

- PARQUE BÍBLICO - Na mesma terra da Disneyworld, um judeu-cristão, Marvin Rosenthal, criou um parque temático da Bíblia, recriando os lugares e cenários do Antigo e do Novo Testamento, numa área de 60.000 metros quadrados. Pagando 17 dólares, o visitante pode assistir desde o êxodo de Moisés até a cenas da Paixão de Cristo. O estacionamento fica ao pé das "muralhas de Jerusalém".

- IGREJA AMERICANA DENUNCIA POBREZA - Os bispos do país que controla 29% da riqueza mundial denunciaram a pobreza de 32 milhões nos Estados Unidos. Uma em cada seis crianças norteamericanas vive na pobreza. Segundo os bispos, a baixa taxa de desemprego e o desempenho da economia não podem

fazer esquecer o estado de pobreza que aflige tantos milhões de cidadãos.

- IGREJAS AFRO-CRISTÃS NA FRANÇA - Estas Igrejas estão fazendo grande sucesso na França, não só entre os imigrantes, mas também junto a muitos franceses. Alguns analistas interpretam este fenômeno como uma espécie de cansaço dos franceses de viver em um mundo - o ocidental - que perdeu a própria alma.

- APELO DOS BISPOS CHILENOS - "Tenham coragem e digam tudo aquilo que sabem". Este é o apelo dos bispos chilenos aos cidadãos do Chile. Eles se referem aos trágicos acontecimentos da década de 70, durante a ditadura do General Pinochet, quando milhares de pessoas foram torturadas e mortas. Este apelo é importante à luz da palavra de Jesus no Evangelho: "conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará".

ASSEMBLÉIA DE ITAICI

Durante a Assembléia dos Bispos em Itaici, em julho deste ano, vale a pena ressaltar que o representante da Igreja Ortodoxa fez a seguinte declaração: "Gostaria de falar da Declaração Dominus Iesus. Eu sou também membro da Igreja Católica, desde o tempo dos primeiros apóstolos. Foi no Oriente, em Antioquia, que os primeiros fiéis foram chamados de cristãos. Esta primeira Igreja foi criada pelos apóstolos Paulo e Pedro. Para a Igreja do Oriente, só os Concílios Ecumênicos podem dar novos dogmas. Desde o grande cisma não têm havido mais Concílios Ecumênicos,

apenas Concílios de uma Igreja local. Acho que há grande perigo de ver o movimento ecumênico parar, depois da Dominus Iesus. Hoje, devemos juntos, de uma maneira humilde, voltar ao primeiro milênio e, de lá, aprofundar nosso catolicismo e nossa ortodoxia, devemos contribuir para chegar a uma Palavra realmente verdadeira de Deus. Neste sentido, 'quando têm dois ou três reunidos em nome de Jesus, Jesus estará no meio deles'; estou falando das duas Igrejas Católica e Ortodoxa. Devemos rezar, todo dia, para ver a Igreja Católica e Ortodoxa Una-Santa. Obrigado".

A Comissão Episcopal de Pastoral (CEP), a presidência da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), coordenadores regionais da Campanha da Fraternidade e assessores nacionais avaliaram de 18 a 21 de junho de 2001, os trabalhos realizados pela Campanha da Fraternidade 2001 - "Vida sim, drogas não!". Constatou-se um crescimento da Campanha da Fraternidade na aceitação por parte de toda a Igreja e da sociedade civil. O texto-base é um verdadeiro "best-seller". Foram adquiridos 81.663 exemplares. Na ocasião, ainda foram realizados preparativos para a Campanha da Fraternidade 2002 - "Fraternidade e povos indígenas", com o lema: "Por uma terra sem males". Foi revista a terceira versão do texto-base, escolhidas as músicas e o cartaz. Foi eleito ainda o tema para a Campanha da Fraternidade 2003 - "Fraternidade e pessoas idosas", com o lema: "Dignidade, vida e esperança".

BALANÇO